

## **Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Owners of their own time: perceptions of autonomy and freedom in the discourses and practices of workers depicted in Waiting for the Carnival*

Kamila Rocha Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O documentário *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar* (2019) retrata a produção local de jeans em Toritama-PE, que vem se destacando no setor brasileiro de confecções. Os trabalhadores da cidade representam a dinâmica do trabalho contemporâneo: alto índice de informalidade, trabalho em domicílio e terceirização. Com a intensificação do trabalho autônomo e da produção flexível, este artigo discute quais sentidos e percepções sobre autonomia e liberdade fazem parte dos discursos e práticas dos trabalhadores retratados. A proposta é analisar os significados que eles e elas associam a esses termos, desde suas experiências no trabalho nas facções. Metodologicamente, o artigo se baseia em uma análise crítica do filme, do conteúdo das entrevistas e cenas e da narrativa proporcionada pelo diretor.

**Palavras-chave:** Autonomia. Trabalho flexível. Informalidade. Toritama-PE. Cinema.

**Abstract:** The documentary *Waiting for the Carnival* (2019) portrays the local jeans production in Toritama-PE, which has been standing out in the Brazilian clothing sector. The city's workers represent the dynamics of contemporary labor: a high level of informality, home-based work, and outsourcing. With the intensification of freelance work and flexible production, this article discusses which perceptions of autonomy and freedom are part of the discourses and practices of the depicted workers. The aim is to analyze the meanings and significance they associate with these terms, based on their experiences. Methodologically, the article relies on a critical analysis of the film as a whole, the content of the interviews, and the narrative provided by the director.

**Keywords:** Autonomy. Flexible work. Informality. Toritama-PE. Cinema.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. ORCID: [0009-0005-6712-3069](https://orcid.org/0009-0005-6712-3069) - E-mail: [kamilarocha018@gmail.com](mailto:kamilarocha018@gmail.com).



## **Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

Kamila Rocha Pereira

### **Introdução**

Toritama, reconhecida nacionalmente como “Capital do Jeans”, situada a 164 km de Recife e parte do Polo de Confeções do Agreste Pernambucano, chama atenção por sintetizar tão claramente algumas das principais dinâmicas do trabalho e da produção no Brasil contemporâneo. Praticamente uma “cidade-fábrica”, o município pernambucano é preenchido pelas facções<sup>2</sup> improvisadas nas garagens, fundos das casas, salas e quintais onde os trabalhadores passam grande parte de seus dias. Marcada pela precariedade em termos de infraestrutura, pela informalidade das relações de trabalho e pelo fervoroso discurso empreendedor que produz “empresários de si mesmos” e “donos de seu próprio tempo”, a região enseja numerosas pesquisas (Andrade, 2008; Lima, 2020; Lima & Soares, 2002; Lira, 2006; Moraes, 2013; Rangel & Corteletti, 2022; Sá, 2018; Oliveira, 2011)<sup>3</sup> e é cenário do documentário *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar* (2019) que, dirigido e roteirizado por Marcelo Gomes, nos insere no acelerado ritmo produtivo da cidade.

“Qual é a melhor profissão do mundo? É nunca trabalhar para ninguém. Trabalhe só.” (Estou..., 2019, 17 min.). As entrevistas com os trabalhadores da cidade presentes no documentário exploram a importância dada aos sentimentos de autonomia e liberdade cultivados pelo trabalho flexível das facções. Mesmo que tais termos não se estabeleçam enquanto categorias fixas e consensos entre os pesquisadores da Sociologia do Trabalho e carreguem consigo uma extensa e complexa discussão. Sua percepção construída e já estabelecida dentre os moradores de Toritama parece consensual: “o melhor é trabalhar para você mesmo.” (Estou..., 2019, 20min). Por isso, é necessário analisar quais as percepções sobre autonomia e liberdade no trabalho estão presentes nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados pelo documentário.

---

<sup>2</sup> Pequenas oficinas de costura que, no caso do Polo, acomodam alguma parte do processo de confecção do jeans.

<sup>3</sup> O documentário em si também foi a base do caso para ensino de Santos, Pereira & Helal (2022) usado em aula para debater os diferentes *ethos* do trabalho do Agreste Pernambucano.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

O pensamento social brasileiro pode ser apreendido por meio de diversas formas de representação. No presente artigo, nos pautamos na Sociologia do Trabalho e no cinema documental, a partir do pressuposto de que o cinema, enquanto produção cultural, reflete em si qualquer mudança da realidade que seu idealizador – no caso, o cineasta Marcelo Gomes – pretenda captar com as lentes de sua câmera. Para Alves (2011, p. 15), “o cinema é a mais completa arte do século XX, capaz de ser a síntese total das mais diversas manifestações estéticas do homem”. É por meio do cinema que categorias e conceitos das ciências sociais são demonstrados através de “situações humanas típicas” (Alves, 2011, p. 15). O autor também afirma que, a partir da hermenêutica crítica da narrativa fílmica, há um enlace entre a Sociologia e o cinema que possibilita ir além da tela e compreender a obra como um reflexo estético da vida social em todas as suas determinações (Alves & Macedo, 2010).

No entanto, cabe também ressaltar que *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar* tem suas singularidades e especificações, tanto por se tratar de uma produção documental, como, mais ainda, por se tratar de uma narrativa repleta de traços autobiográficos. Ciente de seu lugar dentre obras cinematográficas que retratam o complexo mundo do trabalho, Marcelo Gomes combina um conjunto articulado de elementos audiovisuais para tornar visível o debate acerca do trabalho flexível, destacando, sobretudo, a expropriação do tempo. Uma vez que todos os elementos cinematográficos dependem diretamente das sensibilidades do narrador-diretor (desde a composição fotográfica até a escolha do público entrevistado), o trabalho de análise deste artigo articula as perspectivas dos trabalhadores transpassadas pelas inquietações particulares do documentarista.

Metodologicamente, o documentário foi decomposto em seus elementos – fotografia, entrevistas, narrações – e, na sequência, “reconstruído” articuladamente à bibliografia. Pelo modelo de análise fílmica de Vanoye & Goliot-Lété (1994, p. 15), se faz necessário estabelecer elos entre os elementos coletados, interpretando “como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo”.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

A sistematização do processo de análise se deu da seguinte forma: em primeiro lugar, o documentário foi completamente transcrito e, a partir da transcrição, as cenas foram divididas entre entrevistas com os trabalhadores e monólogos de Marcelo Gomes. Depois disso, tiveram destaque as falas que tratavam, direta ou indiretamente, da informalidade juntamente àquelas que forneciam material para alcançar as percepções dos moradores da cidade. Finalmente, de acordo com o conteúdo de cada passagem, procuramos estruturar a análise do documentário em conjunto com a bibliografia, articulando o material empírico ao teórico.

Assim, buscamos contribuir para uma discussão já existente quanto às características esperadas do trabalhador em um contexto de trabalho rodeado pelo discurso neoliberal. Levantamos a importância do caráter disciplinar da racionalidade neoliberal (Dardot & Laval, 2016) que produz novos estilos de vida e novas subjetividades, e que, sendo assim, é também fonte de controle, permitindo “objetivar a adesão do indivíduo à norma de conduta que se espera dele” (Dardot & Laval, 2016, p.331), mas, principalmente, consideramos as especificidades do trabalho a partir da trajetória produtiva do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano desde suas bases autônomas e do “imperativo de independência” (Rangel & Corteletti, 2022, p. 11) do povo agrestino atravessado pelas adversidades locais.

O objetivo do artigo é compreender os desdobramentos presentes nas práticas e nos discursos dos trabalhadores de Toritama acerca de sua própria autonomia e liberdade no trabalho produtivo, realidade cada vez mais ajustada ao ideal neoliberal. Para tal, percorremos três seções: na primeira, resgataremos a trajetória de Toritama, que hoje recebe a alcunha de “Capital do jeans”, mas que partiu de uma localidade rural que ainda ocupa as memórias de Marcelo Gomes. O propósito é retomar o percurso traçado pela região do Agreste Pernambucano de lá até aqui. Na segunda, caracterizamos a dinâmica da produção local, o trabalho familiar dentro das facções e a informalidade que permeia as relações de trabalho na cidade. Na terceira, traçamos uma “linha do tempo” que recupera a experiência temporal em diferentes contextos, além de procurar



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

compreender de que modo a valorização da autonomia e liberdade dentre os trabalhadores de Toritama está atrelada a uma ressignificação dos ideais e subjetividades.

### **Memórias de uma outra Toritama**

As transformações recentes no mundo do trabalho apontam na direção de uma flexibilização geral do trabalho e da produção. A década de 1990, representou, para o Brasil, um ponto de virada com o advento do pensamento neoliberal e com o estabelecimento das mudanças econômicas oriundas da reestruturação produtiva, situação que ganha novos contornos com a aprovação mais recente da reforma trabalhista de 2017. Daí, resultam a legitimação do trabalho informal subcontratado, desregulamentado e desprotegido, além da reespecialização da produção, atestando a capacidade de mobilidade do capital para onde quer que os custos sejam menores. Para o setor de confecções, a Região Nordeste, destino dessa reconfiguração territorial, é palco de muitas transformações, combinando o velho e o novo em um mesmo espaço.

Como consequência do processo de desestruturação do mercado de trabalho, em conjunto com a precariedade laboral que sempre foi intrínseca à realidade histórica brasileira, surge o dito “precariado” (Standing, 2011; Castel, 1998; Braga, 2014), grupo que abrange um enorme contingente de trabalhadores informais e desqualificados, normalmente submetidos às ocupações degradantes e altas rotatividades de trabalho. Sem acesso permanente à proteção social e às políticas públicas, a maioria dos trabalhadores brasileiros possuem traços constantes da condição de precariado, que partem desde o passado colonial e escravocrata e permanecem através da superexploração e exclusão social. Sendo assim, o tipo precário próprio do trabalho nos países periféricos e, para os fins dessa pesquisa, do trabalho no setor de confecções, se torna o referencial teórico que paira sobre as percepções de autonomia e liberdade destes trabalhadores.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Marcelo Gomes abre seu documentário apresentando a Região Agreste e a pequena cidade de Toritama tal como surgem em suas memórias de infância. Relembra um mundo rural ocupado pelas feiras livres, pelos pequenos agricultores e criadores de animais, um espaço calmo, pacato e silencioso, antes das urgências da produção industrial:

O meu pai era funcionário do governo e fazia inspeção fiscal nessa região, eu era criança e acompanhava ele nessas viagens. Era um mundo rural, de feiras-livres, plantadores de milho e feijão e criadores de bode, quase nenhum barulho de carro e poucas pessoas na rua. Esse é o Agreste que eu guardo em minhas memórias de infância. (Estou..., 2019, 2 min.)

Porém, com as primeiras imagens, somos confrontados por uma realidade distinta, praticamente oposta: grandes outdoors publicitários anunciando peças de jeans.

Se as origens do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano pudessem ser espacialmente localizadas, esse crédito recairia sobre Santa Cruz do Capibaribe, município vizinho de Toritama, que inaugurou a Feira da Sulanca no final da década de 1940. Até então, a economia da região girava em torno de pequenas atividades agrícolas com foco no cultivo de algodão e de uma limitada pecuária. Porém, com as adversidades climáticas<sup>4</sup> do Semiárido Nordeste, o desenvolvimento da agricultura foi fortemente prejudicado, fazendo com que o ramo das confecções fosse mobilizado enquanto alternativa de trabalho para fugir à persistente crise agrícola.

Nesse primeiro momento, foi o conhecimento das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe, passado de geração em geração, que propiciou o desenvolvimento das confecções enquanto atividade produtiva. “Especificamente no caso do Agreste de Pernambuco o protagonismo feminino deve ser destacado, pois a sulanca de fato conseguiu tomar força a partir da mulher e não do homem” (Milanês, 2015, p. 87). A costura, função cultural e historicamente atribuída ao sexo feminino, durante o período agrícola do Polo servia de complemento na renda para garantir a reprodução do grupo

---

<sup>4</sup> Toritama é localizada em uma faixa seca da Zona do Cariri paraibano, com baixos índices de pluviosidade e largos períodos de seca.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

familiar. O domínio delas sobre a costura era praticamente tido como “natural”, uma “habilidade feminina” repassada de avós e mães para as filhas, e por isso, era comum que as mulheres possuíssem pelo menos uma máquina de costura em casa:

Existia na localidade uma experiência acumulada e adquirida pela capacitação para a confecção de roupas. Isto ocorreu por meio do habitus transmitido, ao longo do tempo, pela educação do trabalho doméstico da mulher praticado na comunidade, que logo se tornava a única opção de trabalho (Xavier, 2006, p. 89).

As confecções, ainda muito artesanais, dependiam de comerciantes do município que viajavam para Recife, trocando seus produtos por retalhos de tecido com os quais as costureiras da cidade produziam peças de roupas simples e mantas de retalhos. Com o aumento da demanda, a busca da matéria-prima se expandiu até São Paulo e foi finalmente constituída a Feira da Sulanca: junção de Sul (a origem) e helanca (o material). “A sulanca ficou conhecida, então, como feira que possui produtos simples, de qualidade inferior e preços acessíveis a camadas da população de baixa renda” (Lira, 2006, p. 102).

Em pouco tempo, outros municípios do entorno foram envolvidos no processo produtivo. Toritama, localizada entre Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, às margens do Rio Capibaribe e da Rodovia BR-104, também nunca pôde desenvolver qualquer monocultura ou produção agrícola extensa. Enquanto menor município do Estado, apresentava “uma irrisória população espalhada em pequenas propriedades voltadas para a produção de culturas de subsistência” (Vasconcelos, 2012, p. 59). Sob a influência da vizinha Caruaru, Toritama se especializou na atividade couro-calçadista e sofreu com a elevação de custos e concorrência com o Sudeste até que, nos anos 1980, os produtores adaptaram seus equipamentos e máquinas para a produção de jeans, seguindo a experiência de Santa Cruz do Capibaribe (Sá, 2018).

Ao longo dos anos 1990, com a produção doméstica se alastrando pelas casas da cidade, Toritama rapidamente alcançou a colocação de maior confeccionista de jeans da região, produzindo uma parcela expressiva do jeans nacional. A cidade se inseriu completamente no circuito da comercialização das confecções com o início de sua



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

própria feira, ocupando lugar de destaque neste setor específico. Marcelo Gomes reconhece, durante o documentário, as transformações do cenário urbano: “A paisagem mudou, nos grandes terrenos vazios se construíram fábricas de produção de jeans e a maioria das casas de transformou em pequenas casas de fundo de quintal chamadas de facção.” (Estou..., 2019, 7 min.).

A partir de então, a produção nordestina de confecções ampliou suas atividades, o que resultou em um significativo crescimento econômico, urbanização das principais cidades e modernização tecnológica. Instalaram-se na região os primeiros atacadistas e fornecedores, não só melhorando a produtividade como também a qualidade dos produtos oferecidos. Outros setores de serviços são incorporados, como marketing, design, moda, consultorias em gestão, qualificação profissional e financiamento (Andrade, 2008).

À vista da modernização crescente dos produtos, o nome sulanca logo se mostrou inconveniente para o alcance de novos nichos e investimentos. Diante disso, a partir de 2002, a Feira da Sulanca se tornou alvo de uma reelaboração discursiva (Oliveira, 2011, p. 6). Com a liderança do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Pernambuco (Sindivest) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o projeto contava com a reformulação midiática e empresarial das atividades desenvolvidas, desencadeando, em primeiro lugar, em um novo nome: Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco.

O processo de industrialização e modernização do Agreste Pernambucano, por sua vez, merece um olhar mais atento. Um diagnóstico rápido poderia nos levar em direção às políticas desenvolvimentistas implementadas pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), afinal, seu principal objetivo era o de promover o desenvolvimento nordestino, fortalecendo e modernizando alguns setores, dentre eles, é claro, a indústria têxtil e de confecções. Não obstante, em meados de 1990, com a chamada “guerra fiscal”, as cidades da região entraram em disputa pela atração de



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

investimentos. Britto & Cassiolatto (2000) identificam os estímulos para o deslocamento de indústrias para áreas menos industrializadas:

Nos estados do Nordeste, destaca-se a atração de empresas de setores tradicionais para polos industriais da região, em decorrência dos incentivos fiscais concedidos e da dotação favorável de recursos locais, em especial o baixo custo da mão-de-obra. (Britto & Cassiolatto, 2000, p. 211)

No entanto, mesmo as grandes estratégias estatais, políticas públicas e mecanismos desenvolvidos para a atração de investimento não podem ser considerados como os únicos responsáveis pelo desenvolvimento do Polo. Oliveira (2011, p. 12) evidencia que “o Polo não foi senão resultado da ação “espontânea”, “autônoma”, de homens e mulheres habitantes da região, “movidos pela necessidade de buscar alternativas às adversas condições de trabalho e de vida a que sempre estiveram submetidos”. Com o protagonismo situado no povo agrestino, o desenvolvimento da região pode ser relacionado a um conjunto de fatores, principalmente relacionados à sua origem e cultura local. Afinal, desde o início, a produção do Agreste sempre foi marcada por estas duas características: “espontaneidade” e “autonomia”. O Polo cresce com o envolvimento de instituições públicas e privadas, nos mais sofisticados processos de interações internas e externas (Oliveira, 2011).

### **O trabalho nas facções e as dinâmicas locais**

Tracemos o cenário. Uma estrada de terra batida se estende até alcançar a entrada da pequena Toritama. A cidade é permeada pela paisagem árida típica da faixa seca do Agreste Pernambucano na qual está situada. Quanto à vegetação, são plantas de pequeno e médio porte que resistem aos curtíssimos períodos de estiagem com poucas folhas e muitos espinhos. Os galhos tortuosos e os cactos se distribuem espaçadamente pelo solo coberto por pedras. Em meio aos tons quentes e terrosos do quadro, se destaca o implacável azul do jeans: são imensos os outdoors que anunciam as confecções na chegada a Toritama.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Uma vez dentro da cidade, podemos observar ruas irregulares contornadas por um amontoado desordenado de lojas, lavanderias e casas que foram transformadas em facções. É evidente que a cidade não para de crescer e que, além disso, cresce sem planejamento algum. Os novos espaços são acrescentados com a única finalidade de aumentar a produção local de jeans, independente da infraestrutura urbana disponível.

Na porta de cada loja ou casa-facção, ocupando a maior parte das calçadas, montanhas de jeans estão formadas esperando pela próxima etapa da produção. Para além das ruas, o trabalho produtivo ocupa a vida dos moradores quase que por completo, já que nenhum restaurante, parque, cinema, clube ou qualquer ambiente de lazer e sociabilidade é avistado em cena alguma do documentário. Pelo contrário, em entrevista, uma das trabalhadoras relata que, para se divertir, é preciso sair da cidade: “Para almoçar fora você tem que sair daqui, para ir para uma piscina você tem que sair daqui, não tem nada aqui em Toritama, Toritama só é assim... Trabalho.” (Estou..., 2019, 23 min.). A cidade gira em torno das confecções e todos os estabelecimentos parecem, de alguma forma, voltados a esta função.

Até mesmo o Rio Capibaribe, apesar de considerado um dos mais importantes de todo o Estado de Pernambuco, tem sua função na produção de jeans. Com o advento e multiplicação das lavanderias<sup>5</sup>, o despejo de resíduos nas águas do rio transformou sua coloração em um azul-escuro similar à tonalidade característica do jeans.

A engrenagem principal da produção, no entanto, está situada no interior das casas em que estão alocadas as facções. Por mais que a atividade produtiva em Toritama também conte com grandes fábricas, a maior parte é realizada nessas pequenas unidades domiciliares. Bastante diversificadas, configurando desde oficinas completas até pequenos e improvisados conjuntos de costureiras, as facções são unidades terceirizadas que se responsabilizam por alguma etapa da produção do jeans - como o tingimento do tecido, o corte, a costura ou o acabamento final das peças. O essencial é que nenhuma dessas unidades pretende produzir a peça de jeans inteira e, sendo assim,

---

<sup>5</sup> O processo de lavagem modifica a cor do jeans, produzindo diversas variações de tonalidades nas peças.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

dependem umas das outras no decorrer do processo produtivo, sendo a subcontratação a ligação entre elas.

Os trabalhadores, em sua maioria, são remunerados de acordo com o número de peças produzidas, como uma das funcionárias entrevistadas no documentário esclarece: “Se você fizer cem bocas de bolso a dez centavos, aí você ganhou dez reais; se você fizer mil bocas de bolso num dia, aí você ganhou cem reais” (Estou..., 2019, 20 min.).

O jeans é a principal fonte de renda dos habitantes e, pelo caráter extremamente flexibilizado da produção, o ganho mensal é instável, oscilante e difícil de ser calculado. Uma vez que o desempenho individual é o fator determinante, os trabalhadores se veem responsáveis por sua própria remuneração. Neste contexto, as jornadas de trabalho se estendem pelos finais de semana e feriados – com exceção do Carnaval, é claro – ultrapassando 12 horas de uma rotina frenética que inclui, para além da produção intensa, o trabalho doméstico e a reprodução familiar.

Em cada etapa da produção, as funções específicas ainda podem variar com a demanda no momento. Assim, cada posto de trabalho compreende uma multiplicidade de tarefas subsidiárias que um único trabalhador realiza: “Eu faço de tudo. Eu passo cola, ‘desavesso’ o pé, amarro mais os meninos” (Estou..., 2019, 13 min). De modo geral, o trabalho nessas unidades segue sua lógica própria. O proprietário da facção é quem administra a produção, quem compra e vende mercadorias de acordo com a demanda, quem emprega – seus familiares ou não – e quem expande a confecção pelos cômodos disponíveis.

Quanto à mão-de-obra empregada, se destacam os vínculos de parentesco, amizade, vizinhança e confiança. Moraes (2013) sublinha a importância da noção de “ajuda mútua” no que se refere ao par de elementos família-trabalho, vez que, em momentos de atraso na produção, frequentemente são acionados parentes, amigos ou vizinhos, uma dinâmica que também beneficia o trabalhador requerido. Por conseguinte, a relação entre patrão e empregado é praticamente inexistente e a formalização de contratos trabalhistas é tida como desnecessária. Ao contrário, tais relações se baseiam



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

em um contrato moral entre os membros da família. Trata-se de uma obrigação de “ajudar” quando preciso e de uma rede entre os que já estão estabelecidos e aqueles que chegam: “Espera-se assim que um parente ‘ajude’ o outro quando o inclui na sua produção e que se ofereçam caminhos para a inserção no mercado das confecções para um parente que acaba de chegar de um ‘sítio’ ou região rural” (Moraes, 2013, p. 11). O uso do termo “ajuda”, enfim, compreende o entrelaçamento de outras relações em meio à relação de trabalho. É eminente que, com o domicílio convertido em seção externa da fábrica, a família também se transforme em extensão da produção.

A informalidade que permeia as relações de trabalho e que marca todas as etapas de produção do Polo, no entanto, está longe de representar um rastro de formas produtivas passadas, mas, pelo contrário, “é constituinte da forma “moderna” desse território produtivo, fundamental à sua configuração contemporânea” (Rangel & Corteletti, 2022, p. 10). Diferentes configurações são englobadas pelo conceito de informalidade, que é controverso desde sua origem. Em comum entre elas estão a inexistência de regulações estatais, a ausência de contratos e a falta de proteção ao trabalhador. Mesmo que o quadro de informalidade de Toritama represente, de certa forma, a flexibilidade esperada pelos novos mecanismos de acumulação do capital, a formação fundamentalmente autônoma vinculada à geografia, história, economia e estrutura social do Agreste Pernambucano extrapola o domínio do discurso neoliberal. Para Lima & Soares (2002, p. 167), no Polo, “a nova e velha informalidade se entrelaçam de forma dinâmica e contraditória”, o que também não significa apenas uma junção entre o “novo” e o “velho”, mas sua imbricação em um novo modelo de relações produtivas.

O desenvolvimento do Polo, acompanhado da construção constante de novas facções na cidade de Toritama, converte-se em um fluxo praticamente contínuo de pessoas em busca de trabalho na produção de jeans. Essa população procura por atividades que necessitam de uma grande quantidade de mão-de-obra e, muitas vezes, não requerem conhecimento tecnológico prévio ou qualquer grau de escolaridade. Tais características, que facilitam a entrada no trabalho informal das facções, transformam



## **Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Toritama em um lugar “bom de trabalhar”, conforme defendido pelos próprios trabalhadores:

Porque é muita gente de fora aqui, tá entendendo? Aqui virou um São Paulo. Antes o povo se enganava, ia pra São Paulo pra trabalhar, né? Chegava lá e era difícil porque tem que ter estudo, né? Aqui não, você chega, por exemplo, um zé ninguém... Você não sabe nem de um A, mas, se chegou aqui em Toritama, você trabalha. Você só fica parado se você quiser (Estou..., 2019, 22 min.).

A mobilidade espacial dos trabalhadores segue as necessidades do capital naquele determinado momento e, com o crescimento, dinamização e desenvolvimento econômico das cidades do Polo, especialmente a partir da década de 1980, os fluxos migratórios vêm mudando de configuração. O Nordeste, que anteriormente foi considerado como um grande expulsor, se transforma agora em receptor, seja de forma permanente, caracterizando uma reversibilidade do fenômeno da migração, ou provisória, em um movimento de “ir e vir” (Lyra, 2005). Toritama “se torna São Paulo” na medida em que oferece condições de fixação mais praticáveis do que o Sudeste e, nesse sentido, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho constitui questão-chave. Como questiona Sayad (2000, p. 8): “existem migrações, por mais reduzidas que sejam e por quaisquer que sejam as razões declaradas, que não sejam de trabalho? Isto é, que não tenham implicações no mercado de trabalho?”.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, de transporte e informacionais também auxiliam na formação e integração dessas redes de migrantes, o que facilita, de certa forma, a decisão de migrar. Deste modo, o fluxo que se estabelece entre o Agreste Pernambucano e o Sudeste se desenvolve e se dinamiza, beneficiando não só a formação de arranjos comerciais com a circulação de mercadorias, mas a fixação de redes sociais, de parentesco, amizade e ajuda mútua.

### **Tempo, autonomia e liberdade no neoliberalismo**

Decido cortar o som. O barulho ensurdecedor das máquinas me causa ansiedade. Agora, é essa repetição desse movimento que me causa angústia. Coloco uma trilha sonora. O balé das mãos se move no compasso da música. Filmo de outro ângulo. A angústia da repetição permanece. Meu pai era Fiscal de Tributos e hoje, sou um fiscal do tempo alheio. Sou tomado pela lembrança



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

do meu pai e pela angústia dessa repetição. O tempo coletivo, preenchido por um trabalho sem fim. (Estou..., 2019, 28 min.).

O trecho compreende uma das passagens mais emblemáticas dentre as reflexões de Marcelo Gomes no documentário. O narrador observa, angustiado, por alguns intermináveis minutos, o trabalho repetitivo nas máquinas de costura e, enquanto isso, pondera sobre o balé das mãos que conduzem os pequenos pedaços de jeans por dias e anos inteiros. Se nem as diferentes escolhas de trilhas ou de ângulos tornam as incontáveis repetições do mesmo movimento menos agonizantes, como podem os trabalhadores de Toritama enfrentar de bom grado sua jornada de trabalho?

De domingo a domingo, em um expediente que se inicia às cinco da manhã e se estende até as dez horas da noite, o rigoroso itinerário de trabalho é equivalente ao retorno financeiro esperado e, por isso, torna positiva a compreensão dos trabalhadores sobre o tempo gasto: “Eu gosto. Quando tem serviço, eu gosto. Eu sei que quanto mais eu estou trabalhando, eu estou ganhando” (Estou..., 2019, 8 min.). Marcelo Gomes, no entanto, em seu autointitulado posto de “fiscal do tempo alheio”, coloca em pauta o tempo coletivo e a sua ocupação, quase integral, voltada ao trabalho produtivo. À vista disso, diferentes percepções sobre o tempo parecem ser mobilizadas.

A percepção de tempo está diretamente relacionada às configurações econômicas e culturais de determinada sociedade, o que quer dizer que diferentes situações de trabalho se refletem em diferentes assimilações e usos do tempo. Nas comunidades pré-industriais, os pescadores integravam o seu tempo com o das marés, agricultores padronizam o seu tempo de acordo com as chuvas e o galo era o relógio que anunciava o início do dia de trabalho. Thompson (1998) verifica como a transição para o capitalismo industrial alterou a disciplina em torno do tempo de trabalho, que, antes, tendo a natureza como parâmetro, deveria agora seguir as regras do relógio:

[...] até que ponto, e de que maneira, essa mudança no senso de tempo afetou a disciplina de trabalho, e até que ponto influenciou a percepção interna de tempo dos trabalhadores? Se a transição para a sociedade industrial acarretou uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho – novas disciplinas, novos estímulos, e uma nova natureza humana em que esses estímulos atuassem



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

efetivamente – até que ponto tudo isso se relaciona com mudanças na notação interna de tempo? (Thompson, 1998, p. 269)

Não se trata apenas de uma questão de novas técnicas ou tecnologias, mas, desde o momento em que é preciso contratar mão-de-obra, é também preciso trabalhar a partir de jornadas estabelecidas e controladas, afinal, o empregador deve cuidar para que nenhum tempo seja desperdiçado. “O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.” (Thompson, 1998, p. 272). Conforme a mercantilização das relações de trabalho ganha espaço – ou a transformação da força de trabalho em mercadoria, como foi abordado por Karl Marx (1983) – o controle do tempo é cada vez mais importante na disciplinarização dos trabalhadores.

Daí em diante, se torna necessário diminuir qualquer período em que o trabalhador não esteja produzindo, garantindo que todas as tarefas sejam realizadas no menor tempo fisiologicamente possível. Seguindo a máxima inspiradora das relações de trabalho na organização capitalista de que “tempo é dinheiro”, desperdiçar tempo se transforma em crime incontestável, e a preguiça, no maior dos pecados capitais.

Frederick Taylor, com o intuito de controlar o tempo de trabalho, agrupava tendências produtivas do século XIX no desenvolvimento de uma “gerência científica”. A partir do cálculo de todos os elementos e processos de trabalho, impunha, de modo rigoroso, as formas de execução das atividades e mínimas ações dos trabalhadores, prevenindo o ócio e supervisionando os movimentos através de um marca-passo que planejava com exatidão os movimentos corporais demandados para cada tarefa, reduzindo ao extremo o tempo necessário para executá-las (Braverman, 1981).

O controle do tempo e do espaço teve seu apogeu com Henry Ford e a completa racionalização do sistema de produção em massa, bem como do modo de organização da sociedade em geral. O fordismo significava “[...] um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista” (Harvey, 1993, p. 121). O tempo de execução de cada tarefa



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

passou a ser imposto pela esteira, que limitava também o espaço de deslocamento do trabalhador.

Ao propor um dia de trabalho de oito horas e cinco dólares – um pagamento acima do salário médio –, Ford garantia aos trabalhadores tempo livre para que consumissem os produtos produzidos. O tempo de “lazer”, porém, era regulado pela empresa e requeria que o trabalhador se engajasse em atividades controladas e moralmente aceitáveis, já que “na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’”. (Thompson, 1998, p. 298).

Se é fato que o próprio tempo é transformado pelas mudanças econômicas, sociais e culturais de dada sociedade, a reestruturação capitalista do final do século XX seria mais do que suficiente para garantir, mais uma vez, traços fortes de uma experiência temporal reelaborada (Turin, 2019). A organização da produção e da vida social, cada vez mais flexível, reorienta o controle do tempo e do espaço em novos termos. Através da “racionalidade neoliberal”, que “transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades” (Dardot & Laval, 2016, p. 7) e da adoção das políticas neoliberais, as características que pautam a experiência contemporânea do tempo e que definem a subjetividade dos trabalhadores pertencem a um novo sistema normativo flexível e pautado no individualismo.

Em relação às mudanças na organização do trabalho, entra em cena o denominado Toyotismo<sup>6</sup>, ou o “modelo japonês” de gestão de produção que, de modo geral, tem a flexibilidade e a variedade como fatores determinantes para alavancar a produtividade. Coriat (1993) caracteriza o modelo como inovador ao propor uma reorientação temporal do trabalho ao designar “tempos partilhados”.

O Toyotismo substitui a divisão de tarefas e repetitividade da linha de montagem taylorista-fordista pelo trabalho em equipe, padrões flexíveis e uma maior

---

<sup>6</sup> Referência ao fundador da marca Toyota, Sakichi Toyoda. No entanto, o modelo também é frequentemente reconhecido como *Ohnismo*, em referência ao engenheiro mecânico fundador do sistema *kanban*, Taiichi Ohno.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

responsabilização do trabalhador. No novo formato de gestão, a flexibilidade é adotada como preceito para todos os trabalhadores, incentivados a serem multifuncionais e polivalentes, operando em qualquer área conforme as mudanças de interesse do capital. Falamos, em termos ideológicos, da criação de um novo tipo ideal de trabalhador (Silva, 2003): individualizado, responsabilizado, competitivo, inovador e protagonista, por fim definido como “empreendedor”. “Empreendedor de si mesmo, que investe em sua qualificação e atualização, que recusa a estabilidade do assalariamento [...] A figura do camelô, por exemplo, passa a ser percebida como um empreendedor em potencial” (Lima, 2020, p. 24).

A chamada racionalidade neoliberal que generaliza a concorrência enquanto norma também transforma a empresa como modelo de subjetivação do indivíduo. Esse homem-empresa é responsável pela sua própria empregabilidade e deve ser inteiramente envolvido na atividade que executa: “[...] deve-se reconhecer nele a parte irredutível do desejo que o constitui” (Dardot & Laval, 2016, p. 327). Dessa forma, o controle – inclusive temporal –, que antes era exercido por chefes e supervisores, agora funciona através da natureza disciplinar dessa racionalidade que, quando interiorizada pelo trabalhador, funciona de forma tão eficaz como antes, se não mais.

É importante para a análise da experiência de trabalho em Toritama levar em consideração que a cidade não representa exclusivamente um modelo desta racionalidade flexível e individualizada. Quando Lima & Soares (2002) mencionam uma imbricação dinâmica e contraditória entre o “novo” e o “velho” no ambiente de trabalho do Polo, fica evidente que as relações produtivas locais combinam, em um só lugar, elementos característicos de ambos os modelos, de ambos os tempos. Estão ali presentes, dentro de um trabalho artesanal e de uma linha de produção característica do taylorismo-fordismo, o uso das tecnologias, o trabalho a partir de metas, o empreendedorismo presente no sentimento coletivo de “nunca trabalhar para ninguém”. A maioria dos trabalhadores de Toritama pensa em abrir sua própria facção e criar sua própria marca, realidade aparente na descrição dos sonhos pessoais: “o meu sonho é ver



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

a minha empresa crescendo cada dia mais” e “pra nós que trabalhamos no jeans, todos nós que sonha é em chegar no ponto máximo, que é você fabricar, ser dono do seu próprio negócio” (Estou..., 2019, 55 min).

Com a liberdade para definir os seus horários e o seu local de trabalho, a separação entre o lugar em que se trabalha e que se descansa é cada vez mais imprecisa. Na hora do almoço, por exemplo, os trabalhadores de Toritama não deixam as facções e comem suas marmitas em cima das máquinas de costura. O tempo do trabalho é o mesmo tempo da vida social e, nesse cenário, se estabelecem percepções e expectativas que positivam a autonomia e a liberdade no trabalho. “A questão da flexibilidade no uso do tempo e na determinação do espaço de trabalho é valorizada como fator de exercício da autonomia” (Lima & Holzmann, 2015, p. 67).

Muitos dos trabalhadores de Toritama já tiveram alguma experiência com empregos formais e carteira assinada. Suas trajetórias, em geral, são marcadas por um escasso trabalho rural e, posteriormente, se desenrolam pelo trabalho nas fábricas da cidade: “Eu trabalhei sete anos numa fábrica. Sete anos que trabalhei, aí o patrão, de repente, faliu. Aí cada um pegou seu rumo, né? Aí eu comprei minhas máquinas, outros que tiveram tempo, comprou... Aí, cada um da gente, hoje, tem seu maquinário, sua própria facção.” (Estou..., 2019, 8 min.).

A valorização do trabalho autônomo, nesse formato “cada um com a sua”, decorre tanto do histórico da região, como da perspectiva de que a ascensão econômica poderia ser alcançada mais facilmente por meio da abertura de um negócio próprio. Na comparação com o emprego formal, o trabalho “sem patrão” garante uma maior rentabilidade: “Ô, meu senhor, aqui eu ganho mais do que trabalhando com carteira assinada. Carteira assinada, o salário é aquela mesma coisa, faça chuva ou faça sol. E aqui não. Aqui nosso salário quem diz é a gente” (Estou..., 2019, 35min). Tornar-se ou apenas sentir-se empreendedor é um fenômeno complexo e multifacetado que se traduz nas fronteiras movediças das relações de inserção social pelo trabalho e transparece na crescente importância da individualização.



## **Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

A possibilidade de realizar cada operação de forma descontínua, de modo que os produtos de cada etapa também sejam comercializados entre os elos da cadeia, faz com que até mesmo as grandes empresas formalizadas dependam das pequenas unidades familiares e informais para além da terceirização de funções específicas. Aqui se situam as “zonas cinzentas” (Azaís, 2012). O setor de confecções, marcado pela fragmentação da produção, entrelaça o formal ao informal e o individualismo ao trabalho coletivo.

Forma-se, portanto, um cenário geral e totalizado que justifica e valoriza a percepção quanto à autonomia e liberdade no trabalho das facções. No entanto, é importante pontuar que nem todas as características do trabalho autônomo são vistas com bons olhos, já que os trabalhadores não desconhecem a situação de precariedade e vulnerabilidade em que estão inseridos. A falta de direitos e de estabilidade, que seriam proporcionados por um emprego formal, também é reconhecida em trechos como: “Em compensação, você não tem seus direitos trabalhistas. Entendeu? Aí é aquele lado, é bom por uma parte, por outra não é, porque dinheiro é bom demais, mas se a pessoa crescer o olho nele, a pessoa não enxerga mais nada, não. Só o dinheiro” (Estou..., 2019, 35 min).

“Escolher” entre o trabalho assalariado e a autonomia do informal, entretanto, não remete mais ao debate clássico do trabalho formal que garantiria dignidade e acesso à cidadania. Considerando todas as possibilidades disponíveis - seja antes do estabelecimento da produção de jeans ou até mesmo o emprego em outras áreas para além do setor de confecções -, o melhor rendimento financeiro e a empregabilidade facilitada são os grandes critérios de atração, e o trabalho nas facções é percebido, em última instância, enquanto privilégio: “Porque não é todo mundo que tem privilégio de ter saúde, trabalhar, ganhar seu dinheiro. Isso é uma vida ruim? É nada. Ruim é pra quem morre” (Estou..., 2019, 20min).

### **Considerações Finais**

Buscamos, no decorrer do artigo, compreender o trabalho nas facções de Toritama tendo como referência os trabalhadores inseridos no contexto da região.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Diante da seca do Semiárido e do declínio da agricultura e da pecuária, a configuração histórica do surgimento do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano estimula bases autônomas para a mobilização dos recursos disponíveis – a sulanca, material de baixo custo e que normalmente seria descartado – no desenvolvimento de uma dinâmica própria para as atividades produtivas. Consideramos que a trajetória do Polo foi estabelecida a partir de inúmeras disputas, contradições e participação de diferentes atores, de um lado pela iniciativa quase impulsiva do povo agrestino em vista das adversidades locais e, de outro pelas estratégias estatais e políticas públicas desenvolvimentistas.

Trata-se de um cenário que reconfigura as permanências do “velho”, com o “novo” presente no discurso empreendedor. Além disso, existe também uma imbricação entre o trabalho individual que garante a valorizada liberdade para definir os próprios horários e espaços laborais e uma rede coletiva de demandas e encomendas da qual cada facção é dependente.

O trabalho informal, flexível, domiciliar, familiar e sem regulamentação é marca registrada da organização de trabalho das facções desde o início da produção na Capital do Jeans e incorpora, direta ou indiretamente, a maioria dos trabalhadores da cidade. Nesse sentido, a informalidade e a precarização, por mais que reconfiguradas, marcam o quadro referencial no qual estes trabalhadores foram formados e ainda estão plenamente inseridos. Mesmo que existam grandes fábricas estabelecidas que ofereçam empregos formais e carteira assinada, estas fábricas ainda dependem, em grande medida, da subcontratação e da terceirização e, portanto, o trabalho autônomo segue crescendo, cada vez mais valorizado e defendido por todos os que estão inseridos neste contexto produtivo.

Não que os trabalhadores não reconheçam ou não compreendam a falta dos direitos fundamentais e a vulnerabilidade do trabalho nas facções, porém, percebem que trabalho o informal oferece um maior rendimento financeiro e uma possibilidade concreta de ascensão econômica através da criação e da expansão do próprio negócio.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Não obstante, a facilidade de entrada no trabalho das facções também favorece a percepção acerca do trabalho informal, já que a aquisição de uma única máquina, geralmente localizada no próprio ambiente doméstico, pode ser suficiente para empreender em um trabalho autônomo. Além disso, como praticamente todos os estabelecimentos da cidade de Toritama estão voltados para a produção de jeans, o trabalho nas confecções surge como possibilidade natural para todos os moradores, bastando acionar algum parente, amigo ou vizinho já inserido na rede produtiva.

A liberdade para determinar, por si, o uso do tempo e do espaço que serão investidos na produção tem como consequência latente o embaralhamento do tempo do trabalho com o tempo da vida social. Principalmente nas facções alocadas no ambiente doméstico, as funções produtivas e reprodutivas compartilham o mesmo tempo e o mesmo espaço, realidade que é ainda mais amplificada no caso das mulheres. Na prática, isso é demonstrado quando notamos que a alimentação, o descanso e a sociabilidade são realizados sem que os trabalhadores deixem as facções, de modo que, mesmo as entrevistas que constam do documentário foram realizadas em frente às máquinas de costura ou às pilhas de jeans.

Vale pontuar que este artigo, enquanto resultado de uma iniciação científica, se posiciona em um conjunto de pesquisas já realizadas na Sociologia do Trabalho sobre o setor de confecções. Nossa intenção foi a de contribuir para uma discussão já existente através da especificidade do meio cinematográfico, trazendo um novo enfoque ao tema em termos de arranjo e de análise. Quanto às implicações práticas, esperamos que as descobertas da pesquisa que culminaram neste artigo possam ser, de alguma forma, benéficas aos próprios trabalhadores. Reconhecemos que um olhar aprofundado sobre as percepções de autonomia e de liberdade dentro do setor de confecções pode auxiliar na formulação de políticas públicas mais justas e eficazes para esse contingente que é frequentemente excluído da agenda pública.

Muitas das discussões aqui propostas de forma inicial foram desenvolvidas e aprofundadas em outros trabalhos, como por exemplo: dos múltiplos sentidos do



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

empreendedorismo; da questão de gênero que permeia o trabalho em confecção de vestuário e a divisão sexual do trabalho; do problema do controle na organização da indústria; do feriado de Carnaval; da relação negativa dos moradores de Toritama com a fiscalização; e dos mecanismos subjetivos de convencimento.

Verificamos, por fim, que a autonomia e a liberdade do trabalho flexível são positivadas pelos trabalhadores de Toritama, uma vez que estes reconhecem o espaço a sua volta e atuam de acordo com suas possibilidades, com os incentivos disponíveis e a partir da experiência proporcionada pelo próprio histórico da região. Ao mesmo tempo, atravessa o cenário um fortíssimo discurso empreendedor fundamentado por uma lógica neoliberal que enfatiza a responsabilidade individual, a competitividade e, principalmente, que é capaz de reelaborar subjetividades, espaços e tempos.

## **Referências**

Alves, Giovanni. Prefácio: O mundo do trabalho através do cinema de animação. *In*: Pinto, Claudio. **Trabalho e Capitalismo Global: O mundo do trabalho através do cinema de animação**. Bauru: Canal 6, 2011. p. 11-17.

Alves, Giovanni; Macedo, Felipe. **Cineclube, cinema & educação**. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010.

Andrade, Tabira. **A estrutura institucional do APL de Confecções do Agreste Pernambucano e seus reflexos sobre a cooperação e a inovação: o caso do município de Toritama**. Dissertação (Mestrado em Economia), João Pessoa: UFPB, 2008.

Azaïs, Christian. As zonas cinzentas no assalariamento: propostas de leitura do emprego e do trabalho. *In*: Azaïs, Christian; Kessler, Gabriel & Telles, Vera da Silva (Orgs.). **Illegalismos, cidade e política**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

Braga, Ruy. Para onde vai o precariado brasileiro? Sindicalismo e hegemonia no Brasil contemporâneo. **Perseu: História, Memória e Política**, v. 10, p. 35-54, 2014.

Braverman, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Britto, Jorge & Cassiolatto, José. Mais além da “guerra fiscal”: políticas industriais descentralizadas no caso brasileiro. **Anais do XXVIII Encontro da ANPEC**, Campinas, Dezembro de 2000.

Castel, Roberto. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Coriat, Benjamin. Ohno e a Escola Japonesa de Gestão da Produção. In: Hirata, H. **Sobre o “modelo” japonês**. Automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho. São Paulo: Edusp, 1993.

Dardot, Pierre & Laval, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar. Direção e Roteiro de Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. (85 min).

Vanoye, Francis & Goliot-Leté, Anne. **Ensaio de Análise Fílmica**. Campinas: Ed Papyrus, 1994.

Harvey, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

Lima, Jacob Carlos & Holzmann, Lorena. Tempo, espaço e trabalho. In.: Eckert, Cornelia & Rocha, Ana Luiza Carvalho (Orgs.). **Etnografias do trabalho**: narrativas do tempo. Porto Alegre, Marcavisual, 2015. p. 52-77.

Lima, Jacob Carlos. Trabalho e dinâmicas territoriais: ressignificação e reespecialização da produção. In: Lima, Jacob Carlos (Org.). **O trabalho em territórios periféricos**: estudos em três setores produtivos. São Paulo: Annablume, 2020. p. 19-43.

Lima, Jacob Carlos & Soares, Maria. Trabalho flexível e o novo informal. **Caderno CRH**, n. 37, p. 163-180, 2002.

Lira, Sonia. Os aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do Agreste/PE: um espaço construído na luta pela sobrevivência. **Revista de Geografia**, v. 23, n. 1, p. 98-114, 2006.

Lyra, Maria. Sulanca x muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 144-154, 2005.

Marx, Karl. Capítulo I: A Mercadoria. In: **O capital**: crítica da economia política (livro I). Os Economistas, vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Milanês, Renata. **Costurando roupas e roçados**: as linhas que tecem trabalho e gênero no Agreste Pernambucano. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Rio de Janeiro: UFRRJ, 2015.

Moraes, Alana. Da casa à feira: trabalho independente e estratégias econômicas no Polo de Confeções do Agreste Pernambucano. In: Oliveira, Roberto Vêras de & Santana, Marco Aurélio (Orgs.). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

Oliveira, Roberto Vêras de. O polo de confeções do Agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem. In: **Anais do Encontro Anual da Anpocs**, 35, 2011, Caxambu, MG.

Rangel, Felipe & Corteletti, Roseli de Fátima. O polo de confeções do Agreste Pernambucano: Origens e configurações atuais. **Estudos de Sociologia**, v. 27, n. 00, 2022.

Sá, Marcio. **Filhos das feiras**: uma composição do campo de negócios agreste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018.

Santos, Elisabeth; Pereira, Ana Márcia & Helal, Diogo. Ethos do trabalho no Agreste das Confeções. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 20, n. 1, p. 151-163, 2022.

Sayad, Abdelmalek. Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia: **Revista do Migrante**. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios – CEM, ano XIII, 2000.

Silva, Luiz Antônio Machado Da. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Cadernos CRH**, n. 7, p. 81-109, 2003.

Standing, Guy. **The Precariat**: The New Dangerous Class. London: Bloomsbury, 2011.

Thompson, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: Thompson, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

Turin, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: Avila, Arthur Lima de; Nicolazzi, Fernando & Turin, Rodrigo (Orgs.). **A História (in)Disciplinada**: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. Vitória: Milfontes, p. 245-272, 2019.



**Donos de seu próprio tempo: percepções sobre autonomia e liberdade nos discursos e práticas dos trabalhadores retratados em *Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar***

*Kamila Rocha Pereira*

Vasconcelos, Valtemira Mendes. **Migração e pendularidade:** As consequências de atração de população para o município de Toritama-PE. Dissertação (Mestrado em Geografia), Recife: UFPE, 2012.

Xavier, Maria Gilca. **O processo de produção do espaço urbano em economia retardatária:** a aglomeração produtiva de Santa Cruz do Capibaribe (1960-2000). Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano), Recife: UFPE, 2006.